

A COMUNA

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO IV — SÉRIE II

PREÇO \$20 — AFRICA \$30 — ESTRANGEIRO \$40

N.º 43 (133) — 6-1-923

Redactor principal:
António Teixeira
Editor:
António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA
RED. e ADM.: Rua do Sol, 131 — PORTO
CORR.: APARTADO 17 — PORTO

Administrador:
José Rodrigues Reboredo
Comp. e imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 23

A ABSOLVIÇÃO DE BERTON...

ISTO É: O TRIUNFO DAS IDEAS LIBERTARIAS

Germaine Berton, aquela simpática anarquista que arremessou para a gelidez da morte o reaccionário Márius Plateau, foi absolvida. Este facto tam extraordinário, assombrou sobremaneira os marechais dos *camelots du roi*, da guarda avançada dos retrógrados franceses...

A razão de todo o sobressalto, de todo o apavoramento que desnortou os camelões da *Action Française*, não reside no caso do tribunal dar a liberdade a Germaine Berton. Isso merecer-lhes-ia pouca importância, se a estrondosa absolvição da jovem libertária não se revestisse duma significação mais lata, mais profunda no terreno ideal.

Se raciocinarmos perspicuamente, chegaremos à lógica conclusão de que o que se julgou em Paris não foi uma simples mulher: foi a Liberdade, a Anarquia, a Idea da emancipação dos povos escravizados. O que os vultos principais do ultramontanismo francês choram, o que a imprensa *daudetista* carpida sentidamente — é o revés da Reacção, a condenação formal da Autoridade...

E, realmente, sensacional que a Autoridade fôsse condenada pela própria Autoridade... prova mais do que evidente de que os princípios libertários jamais poderão ser esmagados pelo tórpe autoritarismo dos sistemas intolerantes de tirania feioz...

O gesto de Villain, prostrando por terra o ilustre socialista Jean Jaurés, destinava-se a impedir o avanço das ideas de renovação política, económica e social. Os inspiradores e cantores do assassinato daquele *leader* socialista, acharam muito natural, muito lógico, muito

justo o *heroísmo* do seu mercenário de ideas...

A atitude violenta de Germaine Berton foi uma resposta à letra, para que os reaccionários da *Action Française* fiquem sabendo que o espírito revolucionário não pôde ser vencido, que a estrada que conduz as populações à sua emancipação íntegra jamais poderá ser obstruída por qualquer obstáculo de farça, de jesuitice, de violências rancorosas e de intrigas nefastas...

Um tribunal reaccionário absolveu Villain, colocando-se ao lado da quadrilha de Léon Daudet. A absolvição de Germaine Berton não constituirá outra resposta condigna à absolvição de Villain? E' isto que faz temerosamente reflectir o bando retrógrado dos camelões do rei...

A imprensa chantagista, estipendiada pelas plutocracias exploradoras e pelas seitas religiosas que aspiram o retôrno da humanidade a um passado de absolutismo sinistro, censurará ásperamente o juri que julgou Germaine. Porquê?

Porque notou que o juri, conscientemente talvez, seguiu aquela norma indicada por Victor Hugo na sua personagem Cláudio Gueux. Isto é: o juri, como geralmente acontece, não se limitou apenas a apreciar o crime. Quis vêr tódas as particularidades que constituíram os seus antecedentes; quiz analisar, com *profundeza de vistas*, a *causa* determinante dum *efeito* trágico...

E' natural, pois, que na concentração do seu raciocínio, o juri formulasse a si próprio estes quesitos, independentes dos po juís:

Está ou não provado que o

mortífero atentado de Villain foi um *complot* urdido pelos partidários de Leon Daudet, com o fim exclusivo de provocar a corrente dos homens que defendem doutrinas nobres de liberdade?

Está ou não provado que os orientadores da política macabra da *Action Française*, que pretende algemar a França na mais ignóbil das tiranias, encerrá-la no ergástulo da mais tremenda das explorações — teem feito a apologia de Villain e incensado o tribunal que lhe perdoou o crime covarde?

Está ou não provado que os *camelots du roi* da *Action Française* teem sustentado uma campanha de insultos, de calúnias, de ameaças contra os revolucionários sociais, na ânsia de lhes neutralizarem a sua propaganda redentora de felicidade proletariana?

Está provado.

Logo, os jurados, reconhecendo a existência de tam ruins causas, *entenderam* também que estas é que deviam ser condenadas e não os efeitos — a atitude de Germaine Berton...

Germaine Berton, não foi a culpada do que se passou; foi a *Action Française*, foram Léon Daudet e seus ajudantes, os verdadeiros instrutores de tódá a tragédia. A *Action Française*, Léon Daudet e comparsaria reaccionária é que foram, pois, condenados com a absolvição de Berton — porque neles é que se acóita tódá a origem do mal sangrento...

Ainda podemos considerar os acontecimentos por outro lado.

A célebre *Déclaration des Droits do Homem* determina «que as distincções sociais só podem fundar-se na utilidade comum» — e os homens da *Action Française* querem ainda distinguir-se mais nas suas posições tiránicas, mas fundando-as na utilidade exclusiva das suas castas de subordinação económica, política e social. Contrariam assim o artigo 1.º da referida *Déclaration*, que reza: *Os homens nascem e permanecem livres e iguais em direitos.*

A *Déclaration* estabelece como direitos dos cidadãos a *liberdade e a resistência á opressão*. Os camelões rialistas tentam trucidar essa liberdade, perseguindo, e incitando à perseguição, todos os indivíduos avançados que não leiam pela cartilha fradesca de Daudet. Germaine Berton, muito *juridicamente*, usou dum dos seus direitos: o da resistência à tirania. As conseqüências dessa resistência são meros incidentes...

A *Déclaration*, no seu art. 4.º, consigna que a *liberdade consiste em poder praticar tudo aquilo que não prejudique outrem*. Os da *Action Française* pretendem, à viva força, prejudicar milhões de franceses, a parte mais útil — o proletariado — subjugando o Trabalho e roubando-lhe os frutos.

No seu art. 11.º, a mesma *Déclaration* institui que a *livre comunicação dos pensamentos e das opiniões é um dos mais preciosos direitos do homem; todo o cidadão pode, pois, falar, escrever, imprimir livremente*...

Porque Jean Jaurés comunicava os seus pensamentos e as suas opiniões; porque falava, escrevia e imprimia, é que a reacção *daudetista* armou o braço de Villain. Porque os anarquistas, os comunistas e socialistas exprimem também os seus pensamentos e as suas opiniões, e falam, escrevem e imprimem — os *daudetistas* ameaçam-nos e injuriam-nos para que vinguem os seus tó-vos desígnios de predomínio ditatorial e a França se transforme num colossal casarão de jesuitas e num antro terrível de vampiros.

Resultado: armaram o braço vingador de Berton.

O juri, absolvendo-a, defendeu os princípios básicos da Revolução Francesa, passados pelo cadinho da *Assemblée Nacional* de 1789-91. Condenou a Autoridade e salvou a Liberdade Humana...

Foi um *paradoxo*, dirão. Foi um *paradoxo*, — mas também um *axioma*...

PONTOS DE VISTA DA U. A. P.

A atitude dos anarquistas perante a Revolução Social

O erro fundamental dos revolucionários consiste em olhar a Revolução Social como um facto decisivo, apresentando fórmulas como se de finalidades se tratasse. Os partidos políticos pretendem que, derrubando as actuais instituições de governo e estabelecendo imediatamente o seu poder, se iniciaria um período de transformação por meio de reformas com carácter radical, até ao aniquilamento total de todo o sistema coercitivo da liberdade pessoal. Os organismos económicos, consubstanciados no sindicalismo, defendem o critério de que, derrubado o actual sistema capitalista e confiada toda a gerência da produção e do consumo aos sindicatos, os trabalhadores conseguiriam precipitadamente a sua completa liberdade. Os anarquistas, de concepções mais vastas, não querem admitir qualquer solução média ou intermédia ao problema, porque entendem que uma só finalidade existe: a liberdade humana e que para a atingir se deve mover a Humanidade, sem a preocupação de se criarem novas forças directivas que unicamente, tornariam possível a existência de classes hierárquicas.

Note-se que nos referimos apenas às forças globais do movimento revolucionário, porque nos repugna falar das pequenas facções que à volta daquelas se criaram por personalismo, por estreiteza de critério ou por ignorância completa. E todas estas forças discutindo, entre si, a maneira de se realizar a Revolução, supondo-se cada uma o principal fautor, esquecem que a Revolução não é um facto decisivo, mas que se opera por uma série de acontecimentos que nenhuma das forças humanas poderão dirigir ou orientar, e muito menos conseguirão deter ou opôr-se. E é esta sucessão de acontecimentos que irão decidindo de todos os problemas sociais, segundo as circunstâncias e o nível que for atingindo a mentalidade humana. Quanto mais elevado for este nível, tanto mais curta e, porventura menos violenta, será a luta pela liberdade.

Ora, será em face dos acontecimentos, ou envolvidos ne-

les, que as forças globais, que citamos, marcarão a sua atitude, apesar de todas as discussões e de todos os programas. Os partidos políticos—entre os quais os comunistas ocupam o primeiro lugar—realizarão naturalmente o seu poder político, não propriamente com a sua força, mas porque serão consequência de acontecimentos anteriores. Isto não significa que sejam a última palavra; e apesar de todo o esforço violento e coercitivo, o seu poder será fatalmente aniquilado, como consequência de acontecimentos posteriores. Evolutivamente, virão outras forças políticas ou económicas, como o sindicalismo, como as comunas, como todas as instituições criadas espontaneamente, que, podendo apenas dar soluções particulares aos problemas complexos que se agitam, acabarão por se verem absorvidas por novas forças. Esta evolução, dentro da revolução, será gerada por acontecimentos sucessivos e encadeados, os últimos consequências dos anteriores; e em cada um deles, as forças revolucionárias terão uma função e uma acção relativa, porque não poderão transpor o âmbito, que as circunstâncias lhes hajam criado, sem fracassarem ou falirem imediatamente.

Não é inteligente supôr-se que queremos limitar o papel político ou social de cada força revolucionária, desde que demonstramos que a sua função e a sua acção são relativas; também não será inteligente julgar-se que pretendemos enfileirar e graduar os acontecimentos, como se faz ao efectivo dum batalhão militar. Por isso mesmo, vamos falar da acção que os anarquistas poderão desenvolver, no decurso dos acontecimentos.

O anarquista é um inimigo implacável de toda a autoridade pessoal ou colectiva, de todo o poder coercitivo e de toda a força opressora. Sejam quais forem as circunstâncias, o anarquista ataca vigorosamente todo o poder estabelecido, ora envolvendo no seu ataque toda a organização social actual, ora irrompendo especialmente contra uma das suas instituições, até abalá-la. No primeiro caso, o anarquista afirma o seu ideal

profundamente; no segundo caso, ele visa, com uma constância que impressiona e arrebatada, ao descrédito sistemático de toda a Autoridade.

O primeiro caso está naturalmente esclarecido; porém, o segundo caso presta-se a uma maior atitude dos anarquistas. Contudo, a atitude dos anarquistas esclarece-se, evidenciando-se, até mesmo com um simples exame. No combate à Autoridade, o anarquista ver-se-há, quase sempre, ao lado das forças que pretendem aniquilar ou derrubar o poder estabelecido; mas esta acção comum é apenas circunstancial e termina imediatamente. Entendemos que as circunstâncias determinam melhor do que todos os acordos e todos os compromissos.

Actualmente, a situação oferece-nos o seguinte aspecto: os anarquistas prosseguem na sua guerra contra a Autoridade, ao mesmo tempo que os partidos comunistas estão empenhados numa grande batalha contra o poder da burguesia. Aparentemente, ambas as forças visam ao mesmo objectivo—derrubar a burguesia.

Não se vê por aqui que exista qualquer compromisso prévio e indissolúvel, mas apenas um entendimento circunstancial. Nenhuma das teorias comunistas deixa de ser contestada pelos anarquistas; e uma vez que se estabeleça o governo comunista, com o seu jugo odioso, os anarquistas tratarão de derrubá-lo, sem qualquer variante, na sua guerra implacável à Autoridade.

Eis as nossas

CONCLUSÕES

Os anarquistas consideram que a Revolução Social marcará diversas fases, tendentes ao aniquilamento de todas as formas de governo.

Os anarquistas consideram que os partidos políticos, entre os quais o partido comunista, visam ao estabelecimento de novas formas de governo e de opressão.

Os anarquistas não cessarão a sua guerra implacável à Autoridade; sejam quais forem as circunstâncias do movimento revolucionário.

Os anarquistas consideram que a acção comum, no combate às actuais instituições sociais, com os partidos comunistas, não pode ser objecto de acordos forçados, mas poderá ser aparente por razões circunstanciais.

Os anarquistas não abdicam, em todas as circunstâncias revolucionárias, do exercício da sua acção, tendente ao aniqui-

lamento e desprestígio de todas as fórmulas, princípios e sistemas autoritários.

Os anarquistas, visando à liberdade, completa e sem restrições, do indivíduo, marcarão a sua atitude na marcha da Revolução Social, com o objectivo de destruir completamente, implacavelmente, toda a autoridade sobre a terra.

DO QUE SE SABE

CONTRASTES BOLXEVISTAS

Usando dos mesmos processos de qualquer outro governo, «o governo soviético ratificou uma concessão a uma Companhia Italo-Belga, para procura e exploração de jazigos petrolíferos. A procura ou pesquisa será permitida durante três anos; e a exploração por 30 anos, durante os quais a União das Repúblicas Soviéticas pode comprar as concessões.»

Tal como o governo português fazendo concessões de tracção-eléctrica aos financeiros ingleses ou de caminhos de ferro aos financeiros franceses, etc.

* * *

«O governo russo há já algum tempo que tinha concedido uma amnistia aos marinheiros de Cronstadt, que haviam participado da heróica insubordinação de 1921, e que haviam conseguido deixar a Rússia depois de Cronstadt ter sido brutalmente reprimida. Segundo o *Bulletin* (Nov.-Dezembro) publicado pelo Comité para Defesa dos Revolucionários Presos na Rússia, um grande número desses marinheiros, confiando nas promessas dos bolxevistas, voltou à Rússia. Mas assim que eles entraram no país, foram todos presos e depois de um longo tempo de prisão foram sentenciados (em 20 de Setembro) a passar três anos num campo de concentração no extremo Norte. O *Bulletin* publica os nomes e uma curta biografia de vinte dos marinheiros que foram entrujados e sentenciados por um governo sem escrúpulos.»

Os contrastes bolxevistas são continuos e flagrantes. Enquanto por um lado se bandeiam e conluam com o capitalismo mundial, por outro lado perseguem, torturam, amordaçam os que, na vanguarda da revolução, afirmaram a coerência dos seus actos e dos seus princípios.

E ainda estes farçantes por cá teem defensores!

M. H.

Apontamentos...

A Companhia dos Tabacos — empresa florentíssima que, entre nós, constitui uma espécie de Estado-elevou, a partir do dia 1 de Janeiro deste ano, o preço de alguns dos seus produtos.

O pretexto para esta nova elevação de preços filia-se nas mil-e-uma artelices, nas mil-e-uma hipocrisias de que se valem os orgulhosos gatinhos legais para multiplicarem fabulosamente as suas riquezas... económicas.

Se a Companhia, mercê dos bons salários que pagasse aos seus operários, vivesse em regime deficitário, ainda se poderia admitir o *aumentozinho* que pôs agora em prática. Mas, pagando como paga, isto é, dando como salário a quem trabalha para ela umas quantias que são quase que misérias, não vemos razão plausível para este novo aumento.

Independentemente disto, os lucros da Companhia tem sido fabulosos, para não dizermos criminosos. Os seus operários ganham pouco, é certo; no entanto, o *livro-caixa* dessa empresa acusa saldos que nos fazem estontejar, além dos saldos que «por uma elementar medida de prudência» (!) e para «não prejudicar a economia da Companhia» (palavras textuais do presidente do conselho da administração), não se mencionam com clareza não dar nas vistas ao Zé papalvo.

A prova mais frisante que podemos apresentar em abono do que afirmamos, encontramo-la no relato da última assembleia geral da Companhia.

Os donos desse colosso diziam que o lucro positivo durante o ano era de 6.147.666\$30, lucro que, só por si, constitui uma autêntica mina. Este lucro, porém, não é verdadeiro, porque um accionista, versado em números, e talvez movido por alguns pruridos de consciência, garantiu, sem que ninguém o refutasse, que o lucro líquido da Companhia era de doze mil contos, e não de seis mil, como queriam fazer-lhe crêr.

Ora uma Companhia que, num ano, tem de lucros doze mil contos, para que é que au-

menta o preço dos seus produtos? A nosso vêr, só um único argumento pode apresentar em defesa do seu gesto: a vontade de roubar.

Sim, a vontade de roubar é que é o grande mobil da Companhia dos Tabacos, como, de resto, é o grande mobil de todas as companhias.

E então esta Companhia rouba a dois carrinhos: rouba o público e rouba os seus operários, visto que, nessa mesma assembleia lhes negou uma *côdea* que o Gonçalves de Oliveira, lembrando-se dos bons tempos do seu *socialismo*, entendeu que devia dar-se-lhes!

Com franqueza: isto assim não está bem. Os ladrões são demais. É necessário acabar com eles, mas acabar com eles a valer. E para isto não é preciso muito: basta tirar-lhes os meios de poderem explorar o seu semelhante, colocando tudo à livre disposição de todos...

E, depois... quem quiser comer que trabalhe. Que faça como nós.

PEDRO GUIMARÃES.

Pró-viúvas e filhos das vitimas da explosão das ANTAS

Transporte	766\$05
Grupos:	
Propag. ^a Libertária	25\$00
Solidários (1)	19\$25
Isclados (2)	19\$00
A Comuna	19\$00
Sem Deus nem pátria	10\$00
Refractários	5\$00
Golegã—T. Anórim	1\$00
S. Bráz d'Aportel—A.	
Mendes Pinto	1\$00

A transportar . . . 865\$30

(1) *Contribuintes*: J. de Campos, B. da Cruz, P. Dias, Amoêda, L. A. Nogueira, Anónimo, 6 a 1\$00 = a 6\$00; A. Vieira, J. A. Costa, J. F. da Silva, J. Cardoso, J. Teixeira, 5 a 1\$50 = a 7\$50; Vitor Rodrigues, A. Vieira, V. Rodrigues, J. da Costa, S. J. Barros, J. Vieira, 6 a \$50 = a 3\$00; Fava, \$25; Henrique, 2\$50. Soma, 19\$00.

(2) *Contribuintes*: A. B. Guimarães, 3\$00; J. de F. Baga, D. Gomes, A. Machado, C. P. Magalhães, D. R. da Silva, Alberto Pinto, J. de S. Ribeiro, 7 a 1\$50 = a 10\$50; M. R. Belo, F. Fernandes, A. Magalhães, Geliat, 5 a 1\$00 = a 5\$00; B. Menezes, A. Lourenço, Amândio Pinto, 3 a \$50 = a 1\$50. Soma, 19\$00.

Porque sou anarquista

Eduquemos os nossos filhos

Filho dum anarquista, desde novo que escutava com gosto todas as conversas, todos os assuntos em que as teorias anarquistas se debatessem. Educado dentro dos princípios libertários, eu devia ser igualmente um libertário, mais tarde ou mais cedo. E porquê? Porque desde pequeno me ensinaram a amar a Liberdade, a defender sempre o mais fraco, do poderio e da tirania do mais forte, a ser leal, sincero e correcto nas minhas acções. Assim se foram passando os anos e, embora não houvesse ainda enfileirado no meio anarquista, eu, contudo, pregava, adentro dos escritórios onde trabalhava, a emancipação dos trabalhadores contra a opressão dos patrões.

Criticava a acção dos meus camaradas de trabalho, que se sujeitavam ignóbilmente à tutela do patrão. E foi assim que se tornou impossível continuar dentro da classe a que pertencia então, por ser tido como um revolucionário, um individuo perigoso para a boa paz dos meus colegas.

Ingressei depois no jornalismo profissional, onde continuei na brecha, defendendo os princípios da liberdade, não me sujeitando a diversas coisas que alguns se sujeitam.

A minha acção, o meu modo de vêr, já se fez sentir na greve dos mineiros de S. Pedro da Cova, narrando com toda a justiça e lealdade o que vi naqueles antros imundos em que vive esta classe de proletários.

Ainda aqui, ao serviço dum jornal burguês, a minha pena, deslizando no papel, transcreveu parcamente as minhas impressões sobre a miséria daquela gente. Atacado depois pela *Empreza*, defendi-me no jornal «A Batalha», respondendo aos argumentos de ataque, com os mesmos argumentos por defeza. E, quando de vez abandonar o jornalismo profissional, verdadeiras amargas escreverei, tentando com elas provar à grande massa sindical o que podem esperar do jornalismo burguês.

Arrancarei as telas de aranha que ainda vedam a luz da verdade aos olhos de todos os proletários, e provar-lhe hei suficientemente a necessidade de fundarem nesta cidade um diário retintamente libertário, no qual se terá a certeza de não haver interesses particulares a presidir à publicação das

noticias do movimento proletário.

Um grande desejo de me tornar útil à Humanidade me auxilia no caminho que encetei, abraçando definitivamente e militando dentro das fileiras anarquistas, para a luta pelo ideal de Beleza, de Suprema Perfeição.

Não me assusta que a morte não me deixe provar os doces frutos da Liberdade. A semente lançada à terra germinará, mais cedo ou mais tarde, conforme as condições do terreno e do tempo. Assim há de suceder com a propaganda anarquista e os nossos filhos, ou os nossos netos colherão o resultado do labor em que nos ocupamos. Preocupemo-nos com o porvir dos nossos vindouros, e não com o nosso. Se não fôr em nossos dias, será em vida dos descendentes daqueles que passam a vida, fazendo a propaganda dos ideais anarquistas.

Que todos aqueles que defendem o anarquismo eduquem os seus filhos na mais ampla liberdade de pensamento, ensinando-lhes desde novos, qual é o significado da palavra anarquia, incutindo-lhes nas suas almas em formação, a luta pelas supremas aspirações de um povo que, sempre oprimido, quer conquistar o direito à vida, emancipando-se da grilheta a que o tem acorrentado, desde há séculos, os senhores, quer sejam feudais, quer se rotulem burgueses, os quais, a seu bel prazer, fundaram uma sociedade onde o eterno escravizado tem sido todo o proletário, todo aquele que, de sol a sol, labuta incessantemente pelo grangeio dumhas tristes migalhas com que mal poderá matar a fome — espectro terrível que desde há muito vem espreitando o lar dos trabalhadores.

É MIA.

PRÓ-PRESOS

por QUESTÕES SOCIAIS

Transporte	583\$72
A. J. de Brito	2\$50
Artur Fernandes	2\$50
Um carteiro	2\$50
Palva	5\$00

A transportar . . . 596\$22

TRABALHADORES: Lêde:
Doze Probas da inexistência de Deus

por Sebastião Faria
Preço, \$50.
A' venda nesta Redacção

LITERATURA

BALANÇO!

E' duro o sofrimento! A dôr é infinita!
 Por tôda-a-parte existe um grande mal estar.
 O mundo é um vulcão. O grito da desdita
 E' tam aterrador como a fúria do mar.

Dos lábios sobressai uma frase bendita,
 Colérica, vibrante, heróica, a rutilar.
 ¿Quem é que a pronuncia? Essa massa contrita
 Que se ergue num rugido, olhando o seu pensar.

¿Porque tam forte gesto? A senda da revolta,
 ¿Donde surgiu feroz?... Palavra e pedra solta,
 Teem um alvo a atingir, na sua intimidade...

O luxo não tem leis; a miséria é demais.
 A luta p'lo dinheiro, é luta de chacais,
 Que só terá seu fim no reino da igualdade...

A. ALVES PEREIRA.

A Psicologia da Magistratura

(Excerpto de «Le petit gardem de vaches». — Obras inéditas)

SENHORES JURADOS:

Durante os longos meses da minha dolorosa detenção na prisão de C..., eu adquiri a certeza de que os juizes de instrução, os procuradores da República, e, em geral, todos os magistrados que, sobre os homens, teem o direito de vida e de morte, fazem uma espantosa e falsíssima ideia a respeito das acções humanas. A sua inteligência, relativamente ao crime, não vai além de certos factos clássicos, de certas concepções arbitrarias às quais eles ligam, com uma odiosa e mecânica obstinação, todos os crimes que teem por missão de ilucidar e de punir. Nos crimes que classificarei de filosóficos, eles não tomam em consideração nem a sensibilidade particular de cada individuo nem as razões morais, naturais, eternas, superiores—pela sua imutabilidade—às leis—à Lei—se antes vos aprás—caprichosa e vã, que muda com o tempo, com os governos, com as maiorias parlamentares, com... nem o diabo sabe quê!

Os magistrados são tacanhos, ignorantes, rotineiros, essencialmente românticos e ferozes, por

indiferença quando o não são por temperamento. São magistrados finalmente. Além disso, eu não posso admitir que em qualquer momento da sua vida um homem tenha ousado dizer: «Hei de ser juiz!» E' uma coisa que me assombra. Ou esse homem tem a consciência da responsabilidade espantosa que assume, e nesse caso é um monstro; ou não tem a consciência e, conseqüentemente, não é mais do que um imbecil.

Imbecis e Monstros, eis as duas espécies de individuos por quem nós somos julgados desde que existem tribunais! Ides vêr, Senhores jurados, se eu me engano.

Eu matei um pequeno boieiro nas circunstâncias claras, evidentes, forçadas que vou relatar-vos. Porque, desprezando o direito dos juizes, desdenhando a protecção deprimente dos advogados, preciso ainda exacerbar-vos os factos que me conduzem perante a vossa justiça.

Matei esse pequeno guardador de vacas por que isso era justo, por que isso era necessário. Ora, o juiz a quem estava confiada a instrução do meu processo, pretendia absoluta-

mente que eu tivesse assassinado o garoto para o roubar. ¿Por que seqüência de raciocínios fantásticos, em virtude de que disparatadas deducções pôde esta ideia penetrar no cérebro dêsse juiz? Ignoro-o. Debalde lhe expliquei o absurdo dessa suposição; debalde lhe ponderei que eu era rico, tendo o rendimento de sessenta mil francos; que o pequeno boieiro não possuía, indubitavelmente, senão os tristes farrapos que lhe cobriam o corpo quando eu o matei. O juiz insistiu, obstinou-se no seu propósito, e isto durou dois meses. Fazia conduzir-me ao seu gabinete entre dois gendarmes, ou então vinha êle pessoalmente ao meu calabouço. E a cada visita dizia-me, com ar solene:

—¿Confessa que o matou para o roubar?

Eu respondia muito irritado: —Roubar o quê?... Mas o quê? Que havia eu de roubar?

Então êle fitava-me, e quase suplicante:

—Confesse!... repare que a sua cabeça está pendente dessa confissão... ¿Porque não confessa? O tribunal tomará em consideração a sua franqueza. Vamos, confesse!

E eu de replicar:

—Mas isso é demência, é demência, demência!

¿Como podia eu roubá-lo? ¿Que possuía êle para eu lhe roubar, não me dirá?

Finalmente, exgotado, enervado e para terminar com as visitas que me repugnavam, uma manhã disse ao juiz:

—Pois bem! Confesso... foi para o roubar, o Senhor compreende? Para o roubar... Eu pensava, estava convencido de que o garoto trazia consigo joias, um relógio de ouro, uma carteira repleta de notas do Banco, de acções dos caminhos de ferro, de...

O juiz interrompeu-o e, polidamente, pronunciou:

—Isso é o suficiente...

Depois, voltando-se para o escrivão que palitava os ouvidos e roía as unhas obstinadamente:

—Escreva, ordenou... Confesso que foi para o roubar que eu assassinei o pequeno guardador de vacas...

No dia seguinte, as gazetas que até então haviam feito referência, com indignação, à minha insensibilidade, louvaram, em termos inefáveis, o juiz pela sua maravilhosa sagacidade.

Senhores jurados! Dirijo-me a vós que sois almas simples, a vós que não fostes criados nos corredores sombrios das masmorras, e nos suspeitos escaninhos dos tribunais.

Relatar-vos-ei, sem frases, singelamente, sinceramente, como matei o garoto boieiro, e vós julgar-me-eis em seguida, segundo as minhas obras e segundo a vossa consciência.

Uma palavra ainda:

Algumas pessoas honestas, grandes defensores da autoridade e dos seus símbolos, partidários imperturbáveis das hierarquias sociais, admirar-se hão de ver um magistrado tomar abertamente o partido do ente infimo que era o pequeno boieiro, contra um homem rico, gozando, na sociedade, duma alta posição, tal como eu sou, e devem concluir, desta anomalia, a minha tríplice culpabilidade. Dir lhes-ei ômente que sou o autor de um livro intitulado: «A Reforma judiciária», no qual, em nome da moral, em nome da humanidade, eu protesto contra o poder monstruoso outorgado: sem fiscalização, sem justiça, às mãos indiferentes dos juizes. Perdoa-se uma infâmia às pessoas da minha categoria; fecham os olhos em presença de um crime... Mas isto, vejam bem os Senhores jurados, para isto... a guilhotina! A minha narrativa será breve.....

OCTAVE MIRBEAU.

Duas prisões

Como os jornais noticiaram foram presos, em Espanha, os nossos camaradas Manuel J. de Sousa e Manuel da Silva Campos, que ali tinham ido em missão da C. G. T. dar cumprimento a umas deliberações do Congresso da Covilhã. Mas a policia espanhola, *intelligente* como tôdas as policias, viu nessas duas criaturas uns «delegados» do partido comunista (?) que iam ali fazer uma hipotética revolução bolchevista, a qual revolução só se desenvolveu no bestuto estreitíssimo do Primo de Rivera.

A' data de fecharmos o jornal não temos notícias positivas da situação dos presos. Isso, porém, não impede que protestemos energicamente contra a detenção arbitrária dêsses nossos camaradas.

Revista Internacional

A POSIÇÃO INTERNACIONAL DA F. O. R. A.

A adesão da Federação Operária Regional Argentina ficou definitivamente assente na reunião de delegados regionais, efectuada no dia 17 do mês de Novembro findo, na qual estavam representadas quase todas as federações provinciais, muitas comarcais e locais e bastantes sindicatos de Buenos Aires e interior do país.

Pelos informes fornecidos pelo Conselho Federal, verificou-se que o referendun dera como resultado só seis organismos votarem pela adesão incondicional a Berlim, outros tantos contra e a imensa maioria pelo ingresso condicional.

E' preciso, porém, elucidar que esta adesão condicional dada pela grande maioria dos sindicatos da F. O. R. A. se deveu ao facto da A. I. T. andar em tentativas de relações com a Internacional de Moscou. Aquela maioria não admira qualquer ponto de contacto com a Internacional autoritária.

Na reunião referida apurou-se, no entanto, que muitos organismos da dita maioria condicional rectificaram a sua deliberação, passando-se para o lado da adesão incondicional,

em virtude de haver conhecimento de que a A. I. T. tinha posto de parte qualquer entendimento com Moscou, visto o desejo desta não ser de aproximação, mas de imperialismo absoluto.

Todavia, os receios não deixaram de influir nas decisões da assembleia de delegados da F. O. R. A. E é assim que, vemos que enquanto 39 colectividades votam pela adesão incondicional, 48 pronunciam-se pela adesão condicional e 4 contra a adesão, não significando, porém, os seus votos uma concordância com a I. S. V.

Como a A. I. T. definitivamente rompeu com toda a ideia de conversa com a I. Sindical do Kremlin, pode considerar-se que a F. O. R. A. deu a sua adesão incondicional a Berlim. Contudo, a assembleia, não querendo sobrepor-se aos sindicatos, deixa esta aclaração para o próximo congresso regional.

Daqui se infere que dentro da F. O. R. A. há o máximo cuidado com todos os desvios do autonomismo e dos princípios libertários...

(INFORMAÇÕES DO SECRETARIADO DA A. I. T.)

Convocada pelo secretariado da Associação Internacional dos Trabalhadores, realizou-se em Innsbruck, nos dias 2, 3 e 4 de Dezembro próximo, uma sessão plenária do Bureau Administrativo daquele organismo. O principal objectivo desta reunião consistiu no estudo do robustecimento da base organizadora da Internacional, do maior estreitamento de relações entre o secretariado e as centrais nacionais e da forma mais prática de se desenvolver uma mais intensa actividade na propaganda revolucionária.

Estavam representadas todas as organizações aderentes, à excepção da C. G. T. mexicana, em consequência da sua grande distância e o seu delegado não ter o necessário tempo de

preparação para a viagem; e da C. G. T. portuguesa e C. N. T. espanhola, mercê da situação extraordinária em que se encontram e devido ao que talvez se venha a efectivar uma conferência especial ibérica.

Foram lidos relatórios detalhados acerca do desenvolvimento da organização sindicalista revolucionária e incidiu profunda discussão sobre a situação política, económica e social dos diferentes países.

Salientou-se que o primeiro ano da A. I. T., cujo aniversário da sua fundação passou em 1 de Janeiro deste ano, foi, por assim dizer, um período de preparação. Foi durante este tempo, e mediante a consulta prévia dos seus organismos, que a Holanda, o México, a Espanha, Portu-

gal e a Argentina deram a sua definitiva adesão à A. I. T.

A reacção alemã

A sessão plenária do Bureau Administrativo da A. I. T. occupou-se também da luta dos partidos na Alemanha, cujo objectivo, consistindo na usurpação política, só pode acarretar prejuizos aos interesses da classe trabalhadora.

«Os partidos da direita aspiram a uma ditadura militar que traga a restauração da monarquia—em proveito dos grandes proprietários e dos grandes industriais.

«Todas as tentativas que os reaccionários possam fazer para introduzir na Alemanha o fascismo, devem ser tenazmente combatidas. Os sindicalistas alemães devem unir-se a todos os elementos revolucionários anti-estatistas que queiram intentar uma verdadeira luta, não só contra a acção nefasta dos reaccionários, mas também contra todos aqueles partidários do Estado, seja ele qual for, que se esforcem por explorar a situação com intuitos de partido e para finalidades políticas.»

Os sociais... democráticos

«O partido social democrático e os sindicatos reformistas converteram-se em traidores dos seus próprios princípios democrático-republicanos e reformistas marxistas. Desceram à condição de lacaios da dominação burguesa e do despotismo militar, à frente dos quais pouco importa que esteja um Stresemann ou outro ditador de idêntico estôfo. O partido social democrático e seus apêndices, os sindicalistas centralistas, estão impossibilitados de qualquer solução socialista em benefício do proletariado—em virtude do seu respeito pelo aparato anti-republicano do poder militar e pelos interesses do capitalismo, e da sujeição a que submeteu o operariado. De tal modo enfraqueceram a sua força de resistência, que logo ao primeiro golpe retrocedem vergonhosamente, entregando a classe trabalhadora aos seus espoliadores.»

Eis o que o secretariado da A. I. T. nos informa a respeito dos partidos da direita e socialista...

TRABALHADORES! Lede:

Porque não creio em Deus

por Emílio Chapellier

Preço, 1\$00.

A venda nesta Redacção

CALENDÁRIO SUBVERSIVO

JANEIRO

- 1-1840—Os estudantes franceses manifestam a Michelet os seus sentimentos por o governo do seu país lhe ter fechado arbitrariamente o seu curso contra os jesuitas e contra a literatura clerical.
- 2-1912—É tam grande a fome na provincia de Orenburgo que os camponeses, privados de alimento, vendem os seus filhos nos kirghis nómades! Por aqui se pode avallar a harmonia da civilização capitalista...
- 3-1908—Os nihilistas russos executam o general von Lauritz, prefeito de S. Petersburgo, e um dos mais audaciosos perseguidores do operariado revolucionário.
- 4-1885—Sai, em Veneza, o primeiro número de O Intransigente, semanário comunista-anarquista.
- 5-1912—Na China, os revoltosos republicanos fusilam o vice-rei e o general Tien.
- 6-1481—Em Sevilha queimam-se as três primeiras vítimas da Inquisição. E foram queimadas em nome de Deus, dos Santos e de todas as mentiras, hipocrisias e superstições em que assenta a formidável maluquelra que se denomina religião católica!

Aos nossos assinantes do Ultramar

Prevenimos os nossos pre-sados assinantes das possesões ultramarinas para, quando nos fizerem qualquer ped dos de livros e folhetos, ou mesmo quando desejarem pagar as suas assinaturas, nos não enviarem notas do Banco Nacional Ultramarino, porque a Filial do Porto se recusa, sistematicamente, a trocar essas notas. As razões que a gerência da referida filial apresenta, para proceder assim, são estas: «por ordem superior» não cambiamos essas notas. E não a-am daquí São «ordes» superiores!...

De modo que, em face de que expomos, pedimos encarecidamente aos nossos para amigos e camaradas que, em vez de notas, nos mandem cheques, isto para evitarmos perdas de tempo e excessos de despesa.

A ADMINISTRAÇÃO.

VARIEDADES

O Naturismo

Desde épocas remotíssimas que o homem molécula, quase imperceptível da grandiosa Vida Universal, vem lutando tenazmente para conseguir uma liberdade relativa, que esteja em harmonia com as suas concepções filosóficas.

Lutar pelo bem e propagar a verdade, tem sido, através de todos os tempos, a aspiração suprema de homens superiores e perfeitos, que a poeira dos séculos obscurece no anonimato.

Num dado momento, as baionetas que defendem os tiranos e que são fabricadas e empunhadas pelas suas vítimas, podem obscurecer o brilho rutilante da verdade; mas o homem, sedento de justiça e liberdade, acompanhando a evolução natural e espontânea que lhe está adstrita pela propagação duma vida superior e bela, onde a solidariedade seja o elo em torno do qual girem todas as suas manifestações de vitalidade, rompe com a ignorância, que dá origem à tirania, e os tiranos descem miseravelmente do seu pedestal, cimentado pela mentira, para que a luz rutilante da verdade ilumine novamente a consciência humana, impulsionando-a para a conquista do... melhor, pela propaganda da verdade, pelo bem e pela Solidariedade.

No nosso tempo, uma nova escola surge—o Naturismo—e que deve sem dúvida enfileirar ao lado daquelas que propagam e defendem a Anarquia...

O Naturismo vem com as suas doutrinas morais e altamente humanas, dar força e vitalidade ao ponto de vista anárquico, pois que defendendo e lutando por uma sociedade de irmãos, que vivam em harmonia com os princípios da natureza, e aspirando por uma vida de fraternal concórdia, é como consequência, o complemento dos princípios anarquistas.

Naturismo e Anarquismo são concepções filosóficas que quase se confundem, e de cuja realização na prática depende, sem dúvida, o bem estar da Humanidade.

Todos aqueles que se dedicam ao estudo dos problemas sociais, devem concordar que, antes de concepções revolucionárias, se devem criar, no espi-

rito humano, ideias de moral superior, que sejam suficientemente capazes de fazer compreender aos ignorantes a verdade dos nossos ideais.

Eis porque o Naturismo, pelo seu alto valor moral, deve substanciar as doutrinas libertárias.

Pelo naturismo se consegue tornar o homem um ser inteligente, resultado duma vida sã, e do estudo de altos problemas que se relacionam com a vida.

Pelo naturismo se impulsiona o homem ao estudo dos problemas naturais, tais como a ciência, da astronomia, geologia, fisiologia, zoologia e sociologia, cujos estudos, ainda que duma maneira geral iniciais, contribuem para a elevação intelectual dos indivíduos que a estes problemas dedicam um pouco da sua energia mental.

Pelo naturismo consegue-se impulsionar o homem a viver em harmonia com a Natureza, alimentando-se essencialmente de produtos naturais, e a não sentir a necessidade de assassinar os seus irmãos inferiores na escala zoológica, e a levar a sua ferocidade ao ponto de os comer!

Hál! Como é belo viver-se em harmonia com a natureza, sentindo em nós toda a seiva duma vida grandiosa e infinitamente bela.

Como é belo contemplar os quadros de beleza harmoniosa que a natureza, gratuitamente, nos oferece!

Quando o homem for suficientemente capaz de compreender o que é, e o que vale, em face de todas as manifestações da Vida, a humanidade será feliz, porque o homem não será egoísta nem vaidoso.

Do naturismo, o que sobressai, o que tem valor, é a sua parte moral, que incute no homem a certeza de que se fizer ao seu semelhante o que deseja que lhe façam, constitui isso o mais elevado germen de propaganda que há-de conduzir a actual sociedade ao paraíso desejado ardentemente pelos homens que no nosso tempo tem a audácia de raciocinar e de expor pensamentos de fraternal harmonia.

Irmãos!

Deixai viver os passarinhos que alegremente chilreiam, gosando uma vida encantadora, sem senhores nem escravos, e sem cadeias nem fronteiras!

Deixai viver o boi, que paçosamente puxa a charreia, que fende as entranhas da terra, e donde brotarão louras espigas de trigo, que se transformam no pão material que dá

força e vitalidade ao organismo do homem!

Deixai viver, enfim, todos os seres que têm manifestações de vida, e depois... vinde esudar no grande livro que está ao dispor de toda a gente—a Natureza—e propagar pela terra, o bálsamo purificador do Bem e da Verdade, que pela Anarquia há-de redimir a Humanidade inteira!

MANUEL RODRIGUES.

ANTOLOGIA

O cérebro

Não basta repetir as velhas fórmulas—Vox populi, vox Dei e lançar pregões de guerra, fazendo flutuar ao vento bandeiras rubras. A dignidade do cidadão pode exigir, em tal ou qual conjuntura, que levante barricadas e que defenda a sua terra e a sua liberdade; mas nunca se imagine que a menor questão possa ser resolvida por meio das balas. É nas cabeças e nos corações onde as transformações têm de verificar-se, antes de fazer entrar os músculos em acção afim da sua força se transformar em fenómenos históricos.

Não basta gritar:—Revolução! Revolução! para que corramos imediatamente atrás daquele que nos entusiasma, arrebatado. É natural, sem dúvida, que o ignorante siga o seu instinto: o louco, verdadeiramente touco, atira-se sobre um farrapo vermelho; e o povo, sempre oprimido, precipita-se contra o primeiro que se coloca na sua frente.

Uma revolução qualquer tem o seu lado bom quando é dirigida contra um amo ou contra um regime de opressão; mas se ela deve suscitar um novo despotismo, pergunta-se, e com razão, se não seria melhor orientá-la por um outro caminho. É que chegou o dia de não empregar senão forças conscientes. Os evolucionistas, tendo atingido, por fim, um perfeito conhecimento do que querem realizar, têm que fazer alguma coisa melhor do que sublevar descontentes e impeli-los sem bússola e sem objectivo.

Pode-se, pois, afirmar que, até agora, ainda nenhuma revolução foi completamente racional, e que, por isso mesmo, ainda nenhuma delas triunfou por completo.

ELISEU RECLUS.

DA MINHA TRIBUNA

... A Ordem... Burguesa

Depois que os abutres da trindade sinistra: finança, comércio e indústria, atiraram o povo para a fome e para a miséria, explorando-o ferozmente, muito se tem falado da *ordem* e dos *desordeiros*... Como se o povo devesse tomar a sério a falsa *cantilena*, como se no regime capitalista fôsse possível haver *ordem*!...

¿Quem é que mais tem cantado a *ária* da *ordem*? São os que mais se esforçam por manter e conservar a *desordem*, da qual vivem, e para a qual vivem, tirando bons lucros!...

¿O que é a *ordem*... tam furi-bundamente apregoada pelos ridículos palhaços da política e da governança? É a submissão e a conformação, impostas, violentamente, pelos opressores, aos explorados, ao povo trabalhador e desprotegido. É a isto, que no regime capitalista-estatal se convencionou chamar *ordem*...

Que ironia!

¿Com que direito os ociosos e parasitas de todos os feitios e tamanhos impõem, ao povo que trabalha e sofre, a *ordem*?...

¿Com que direito os tartufos e farçantes, a soldo do capital, obrigam o povo a suportar a fome e a miséria, para que eles e a classe que defendem em nome da... *ordem*, gosem a opulência e o prazer?

¿Como querem os defensores da *ordem* convencer o povo de que deve ser *ordeiro*, trabalhando e vivendo na miséria, se eles são *desordeiros*, vivendo na abundância e no parasitismo? ¿Como querem eles convencer o povo de que deve aceitar, a bem, a *ordem*, se ela prejudica os *ordeiros* da *desordem* e beneficia os *desordeiros* da *ordem*?

Francamente, se a estafada e impertinente *música* da *ordem*, tocada pelos videirinhos que pretendem viver à custa do esforço alheio, não fôsse tam prejudicial como é, seria mais digna de riso e benevolência, do que de crítica e ataque, tal é a desafinação dos seus sons, tirados por tam péssimos executores... Mas incomodando e revoltando, não só dá vontade de mostrarmos as *armas* de S. Francisco, mas também de correremos, com a... biqueira, tam *pifios* tocadores!...

Mas afinal, ¿quem são os verdadeiros *desordeiros*?

O povo que, farto de sofrer as infames exploração e opressão de que tem sido vítima, se revolta contra os seus explora-

dores e opressores, lutando em prol duma sociedade justa e igualitária, porque desja emancipar-se; ou os exploradores e opressores que, pretendem gozar uma vida de opulência e ociosidade?

No autorizado e sábio critério dos Cunhas Leais e de todos os apalhados actores da ridícula *comédia da ordem*, os verdadeiros *desordeiros* são os ofendidos e prejudicados; isto é, as vítimas da ganância e da tirania da *ordem*, e não os provocadores e cultivadores da fome, da miséria e da revolta do povo. E' por isso que eles não reconhecem o direito do povo se revoltar, lutando em prol duma sociedade na qual não sejam possíveis a exploração e a tirania do homem pelo homem, mas sim a liberdade e a igualdade dos homens nos deveres e direitos; é por isso que eles pretendem oprimir ainda mais o povo com ditaduras, em nome... da ordem!...

Porquê, o que os ociosos e parasitas desejam é que o povo produtor não se liberte do jugo capitalístico-estatal; é que não se emancipe e se sujeite a tudo que os *senhores* muito bem lhe queiram impôr em nome da... «sua ordem»!

Os patifes ainda não estão satisfeitos com a exploração e a opressão que há longos séculos veem impondo ao povo, obrigando-o a suportar um regime de fome e miséria; ainda não acham tempo da humanidade sofredora se redimir, implantando sobre a Terra um regime de paz, amor e trabalho, para todos!

E, fingindo desconhecer o grande divorciamento do povo, para com eles,—o que é a mais formal condenação do regime que defendem—apregôam, furiadamente: *ordem! ordem! ordem!* porque,—dizem eles—é preciso salvar o país e... as batatas, como se o país se limitasse a eles, como se o povo estivesse de acordo com os privilégios e predomínio que garantem, a uma minoria ociosa e parasitária, o bem-estar, em detrimento da maioria que se esfalfa e produz!

Ah! se o povo, a eterna vítima da *ordem* compreendesse bem o que ela é, já há muito que teria corrido, de vez, á... bi-queirada, com todos os poltrões que, pretendendo viver à custa do seu esforço, lhe exigem *ordem*, depois dê-las serem os maiores *desordeiros*!

M. C. MACHADO.

COMO NAO-SER ANARQUISTA?

Preço \$20; pelo correio \$30.

Caleidoscópico

A nofa, característica

Não nos recorda qual foi o escritor que afirmou um dia: «quase sempre as atitudes definem o carácter dos indivíduos. E se é certo, como ele ajuntava, que a alimentação, na idade viril, influi grandemente na manifestação dessas atitudes, devemos convir que as *lâtas* de rancho que o sr. Cunha Leal ingeriu quando soldado não lhe fizeram muito bem, visto que, à última hora, se transformou numa paladão quixotesco da ditadura.

E' certo que nós já tínhamos por aí um *inlevado* número de ditadores; mas esses, coitados, eram e são ditadores porque teem um cérebro mais duro do que uma côdea de broa com seis meses de exposição ao ar livre. Agora o sr. Cunha Leal, que se vangloria de ter tomado chá em pequenino, aparecer-nos, qual cavaleiro-fantasma, a defender a ditadura, só prova a exactidão das teorias daquele escritor cujo nome não nos lembra.

Nós sabemos muito bem que os homens políticos, mercê duma qualidade que os distingue no meio da gente, gostam de se salientar para que o seu nome seja inscrito nas páginas fulgurantes da história. Mas, para isso, o sr. Cunha Leal, bem como todos os ditadores e ditadorzinhos, não precisavam de se converter em Mussolinis de folheta, em Primos de Riveira de latão, ou em Lenines de cortiça. Bastava que andassem a quatro pelas terras do país, e toda-a-gente diria, ao vê-los nessa posição extravagante:—isto é que são homens valentes para salvar o país. Até andam a quatro... Devem ser *criaturas* de talento.

E, como tal, passariam á história, embora a ditadura ficasse como sinónimo de burrice.

Que não é, nunca foi, nem será outra coisa.

A derrocada

Afirma o sr. Roberto de Juvenal que a França gasta anualmente com a ocupação do Rhur 1.800 milhões de francos, e que não recebe de lá senão 550 milhões de mercadorias por ano.

Então? A teoria dos governos é esta; aproveitar o farelo e desperdiçar a farinha.

O valor do corpo humano

Nos Estados Unidos, o *National Industrial Conference Board* acaba de estabelecer curiosas estatísticas para fixar o valor monetário de cada órgão do corpo humano.

Assim, no estado de New-York um ôlho vale 2.300 dólares; a mão, 4.500; o dedo polegar, 1.100; um braço, 5.700; um pé, 3.700; uma perna, 5.000.

O próprio nariz foi também avaliado pelo seu justo preço: um operário que viu o seu nariz triturado pelos dentes do cavalo do seu patrão, recebeu uma indemnização de 2.700 dólares!

Os pobres diabos esfomeados podem, por isso, consolar-se, julgando que a sua magra carcassa representa uma pequena fortuna! Pelo menos os capitalistas assim lho deixam antever...

No país das libras

Segundo as últimas estatísticas o número dos sem trabalho aumenta diariamente na Inglaterra. Em Newcastle, por exemplo, há 30.015 operários sem trabalho; em Yorkshire, Durham e Northumberland, há 275.649; em Bradford, o grande centro da indústria da lã, há 19.811; no Estado livre da Irlanda há 17.087! Calcula-se, ao todo, em perto de dois milhões o número de operários sem trabalho em toda a Inglaterra.

E, ao lado deste quadro aterrador, há dezenas e dezenas de millionários, de grossos capitalistas e de riquíssimos financeiros e industriais que não sabem o que é sofrer privações.

Hay que modificar a estrutura da sociedade—como dizia o galego.

Uma verdade

Raras vezes els sai da boca dum padre; mais saiu há pouco, numa igreja francesa, onde um pregador disse o seguinte:

«As pequenas plantas humanas, ô fleis, teem necessidade de terreno adaptado e de sucos vitais para crescer e florir na moralidade e no bem. Procurai, pois, a religião católica, amados irmãos: ela é o estrume (fumier) da sociedade.»

Fugiu-lhe a boca para a verdade... nua e crua...

Já nos esquecia

E' verdade: já nos esquecia de dizer isto aos nossos leitores. Quando o famigerado Cunha Leal apresentou as suas celeberrimas propostas de finanças, eliminando, para compressão de despesas, algumas escolas, discutia-se, no parlamento belga, uma proposta nas mesmas condições.

Os reacconários de lá não querem escolas; e a economia feita com essa eliminação revertia a favor do orçamento do ministério da guerra! Cá, o Cunha Leal, tinha certamente o mesmo propósito. Por isso ele é ditador... e reacconário.

A situação na Alemanha

Para o operariado, a situação na Alemanha é desesperada em extremo. De 1 a 15 de novembro findo o número dos operários sem trabalho passou de 943.000 a 1.250.000; e o número dos que trabalham só metade da semana, mas que são socorridos pela assistência, elevou-se a 1.772.000. Além disso afirma-se que, no Rhur, há 2 milhões de operários sem trabalho.

Até aqui as cifras oficiais; mas, em realidade, o número exacto dos operários sem trabalho é muito superior.

Secho alegre

O prior duma freguesia da aldeia estava pregando um prego renitente na vara dum parreiral, que tinha por cima da porta da sua casa, quando deu fê que um rapazito parára a ver, com toda a atenção, o que ele estava a fazer.

—Olá—meu amiguinho—grita o padre, agradado de ver o interesse que estava excitando no pequeno. Já gostas de ver estes trabalhos de hortas e jardins?...

—Nada, não senhor—responde-lhe o rapaz. Estou á espera de ouvir o que diz um padre quando bate com o martelo nos dedos...

Entre Camponeses

Da Biblioteca de Brochuras Sociais, acabamos de receber um pacote de exemplares desta utilíssima brochura de Errico Malatesta, que vendemos ao preço de \$40 cada ex.

TRABALHADORES! Lêde;

CONTRA O CONFUSIONISMO

Preço, \$15.

A venda nesta Redacção

Um bom confrade de Lénine

*Dedicado aos revolucionários
sinceros do partido comunista*

O ditador Mussolini acaba de se afirmar, na Câmara dos deputados italianos, um bom confrade de Lénine, e de pronunciar palavras de que nós gostaríamos, se fôssemos membros da Internacional Comunista.

Alguns extractos do discurso de Mussolini:

«Quanto às relações espirituais entre os dois países, Itália e Rússia, elas são excelentes. Não surpreenderei a Câmara, dizendo-lhe que durante o mês de Corfú, a única imprensa que mostrou simpatia pela Itália foi a imprensa russa.»

«Naturalmente, quando se coloca o problema da política externa no terreno da utilidade nacional, é preciso usar a fórmula: «dar uma coisa em troca doutra.» Eu, em nome da Itália, em nome do governo italiano, dando uma prova da minha boa vontade, reconhecia o governo dos soviéticos. Eu, governo italiano, faço entrar a vós, Rússia, na circulação política e diplomática da Europa ocidental; mas vós, Rússia, dais-me concessões de matérias primas, de que a Itália tem tanta necessidade.»

«Quem dirá, após isto, que um governo faz melhor do que outro a felicidade do povo, e que o da Rússia, vale mais do que o da Itália?»

Grupo Anarquista "Os Solidários"

Convidam-se todos os filiados, a reunir, hoje, no local n.º 1, para assuntos inadiáveis, pelas 16 horas.

TRABALHADORES! Lêde:

A MOCIDADE

por Pedro Krapotkine
Preço, \$30.

A' venda nesta Redacção

Conta corrente

(Mês de Dezembro)

SUBSCRIÇÃO VOLUNTÁRIA

Porto — Brito, 10\$00. **Lisboa** Grupo *O Semeador*, 7\$50. *Alvações do Corgo* — J. de Carvalho, \$45. *Mina de S. Domingos* — L. Ver, \$50. *Vale do Vargo* — F. B. Machado, 5\$95. *Vila Pouca d'Aguar* — N. T. Carvalho, 1\$90.

E. U. da América — Produto da subscrição tirada por José Martins Júnior (15 dólares), 426\$00.

Pernambuco — Ernesto Viana, 25\$00.

Soma — 477\$30.

ASSINATURAS

Recebidas directamente

Porto — M. P. de Castro, A. Pinto, 2 a 2\$40 = a 4\$80; A. da Costa, 1\$60; D. J. Barbosa, 1\$20; A. de Sousa, F. Cunha, 2 a 1\$40 = a 2\$80; A. J. Oliveira, \$50; J. P. M. Martins, H. Alves, 2 a 2\$00 = a 4\$00; J. D. Peixoto, J. A. de Castro, 2 a 4\$00 = a 8\$00; J. M. Barreiro, 5\$00; A. J. Soares, 4\$20; B. P. de Lima, A. X. da Cunha, L. Mendes, 3 a 2\$05 = a 6\$15; L. Frattl, 1\$50; V. Fernandes, 3\$00. **Lisboa** — D. de Carvalho, J. A. Neves, A. J. Pato, 3 a 5\$00 = a 15\$00; A. Botelho, 10\$00. *Aldegalega do Ribatejo* — C. S. Gouveia, A. Guerreiro, 2 a 2\$00 = a 4\$00. *Alvações do Corgo* — J. de Carvalho, 2\$05. *Cabeção* — A. Argelino, 9\$45. *Cacela* — A. A. Machado, 6\$50. *Canidelo* — J. A. dos Reis, 2\$00. *Caramujo* — Adelaide da Conceição, \$60. *Carvalhos* — J. F. Costa, J. S. Soares, A. G. da Silva, 3 a 2\$00 = a 6\$00. *Carvais* — M. F. Monteiro, 3\$65. *Coimbrões* — V. P. da Silva, 2\$00. *Covilhã* — J. A. das Neves, 5\$25. *Elvas* — C. L. Silveira, 4\$00. *Espinho* — F. S. Silva, 5\$00. *Evora* — J. Alberto, J. J. Candieira, 2 a 2\$50 = a 5\$00. *Funchal* — S. Gomes, 5\$00. *Gaia* — A. P. Faria, \$80. *Guarda* — D. F. da Silva, 2\$00. *Ponte do Sôr* — J. da P. Guerreiro, 2\$00. *Póvoa do Varzim* — J. C. Lopes, 2\$05. *Tondela* — A. P. de Sousa, 3\$00. *Torres Novas* — F. Brêtes, A. Brito, 2 a 2\$05 = a 4\$10; F. Correa, 3\$05; J. L. Santos, 5\$00. *Vale do Vargo* — F. B. Machado, 16\$15; A. A. Pulquério, Alexandre A. Pulquério, J. J. Toucinho, R. S. Godinho, Joaquim dos Reis Toucinho, J. Bento, 6 a 3\$25 = a 19\$50; B. Pires, 3\$00; J. A. Santana, D. L. Godinho, 2 a 3\$20 = a 6\$40. *Vila do Conde* — A. B. Silva, R. J. Ferreira, M. R. Cruz, M. L. da Costa, M. F. Cereja, A. C. Ma-

chado, M. A. Carmelita, J. J. Teixeira, J. J. B. Alves, E. G. Saraiva, J. F. Almeida, J. G. Camisa, J. do C. Ceia, 13 a 2\$00 = a 26\$00; R. Teixeira, 3\$20; M. G. Saraiva, A. D. da Cruz, 2 a 4\$00 = a 8\$00. *Vila Pouca d'Aguar* — C. A. Pereira, 10\$00. *América* — António da Silva, 20\$80; Francisco R. Aleixo, 54\$30; Abílio P. da Costa, 20\$80; João de Sousa, 20\$00. *França* — João F. Ferreira, 20\$00. Cobrança pelo correio, 975\$28. Soma, 1.353\$68.

VENDA DE JORNAIS

Porto — Leolino, 18\$00; A. Pinto, 1\$00; Grupo *Sem Deus nem Pátria*, 29\$40; M. Fortunato, 2\$00; Venda na Redacção, 10\$00; Grupo *Isolados*, 10\$78; Grupo *Sem Deus nem Ano*, 18\$00; Saúl de Sousa, 2\$00; Mário Ferreira, 2\$60. *Aldegalega* — J. L. dos Santos, 8\$00. *Amarante* — A. da Silva, 6\$16. *Carnide*, R. Lima, 2\$00. *Carvalhos*, A. Sanhudo, 8\$20. *Ficalho*, A. S. Nogueira, 10\$00. *Lisboa*, A. Rodrigues, 16\$80; M. Gama, 2\$50. *Marinha Grande*, J. A. de Freitas, 43\$60. *Póvoa do Varzim*, A. Ferreira, 28\$00. *Vila do Conde*, Grupo *A Plebe*, 6\$30.

E. U. da América — D. Teixeira, dos assinantes, Alfredo Campos e Jorge Machado, 52\$00.

Brasil — Rodolfo Filipe, 75\$00; Gentil da C. Santos, 100\$00. — Soma, 452\$34. Total, 2.283\$33.

DESPEZA

Composição dos n.ºs 39, 40, 41 e 42 . . . 720\$00
Impressão, idem . . . 320\$00
Papel para os meses n.ºs . . . 435\$10
Aluguer da casa . . . 20\$00
Carretos . . . 6\$50
Papel e envelopes . . . 5\$20
Despesas miudas . . . 3\$15
Deficit anterior . . . 359\$32

Resumo:

Receita . . . 2.283\$33
Despesa . . . 1.869\$27
Saldo para Janeiro . . . 414\$05

TRABALHADORES! Lêde:

O princípio do fim

por Ricardo Mella

Preço, \$10.

A' venda nesta Redacção

Pró-Mineiros

de S. Pedro da Cova

Transporte . . . 624\$95
S. Bráz d'Alportel — A. M. Pinto . . . 1\$06

A transportar . . . 625\$95

GEÓRGICAS Ao preço de \$30 centavos cada exemplar será posta à venda, na próxima semana, esta interessante e utilíssima brochura de Neno Vasco.

CORREIO DE "A COMUNA"

LISBOA — Grupo «O Semeador» — Começa a publicar-se no próximo número.

IDEM — *Correia Barreira* — Recebemos 20\$00: 10\$00 para a Biblioteca; 8\$00 para pagamento das 4 remessas, e sobram 2\$00 que destinamos a subscrição voluntária. Está bem? Sentimos a tua «sorte».

DONDEIRÓ-ANGOLA — A. Revez da Silva — Mandamos-te, no dia 31 do mês findo, os livros que pediste. Foram registados.

COIMBRA — Pedro das Neves — Os restantes devolveram, esta semana.

GOLEGA — F. S. S. S. — Recebemos carta e 7\$00, a que demos o destino que indicas.

AMÉRICA — Armando J. Coelho — Recebemos 2 dólares. *Germano B. Tavares* — Recebemos 3 dólares. Seguem os jornais que pedes.

S. BRÁS 'ALPORTEL — A. M. Pinto — Recebemos carta e 5\$00: 3\$00 para a C, e 2\$00 para subscrições. Ficas pago até ao n.º 50.

VEIROS — A. Costa — Recebemos 4\$00. Pago até ao n.º 46. Saudações de todos os camaradas.

Vende-se,
pelo maior lance

O Vegetariano

mensário naturista ilustrado,
do Porto,

EM ESTADO DE NOVO

Oito volumes,
constituídos
por 94 livros

(de Março de 1911 :: ::
:: a Dezembro de 1918)

O produto reperte a
favor da COMUNA

Propostas, dirigidas ao
APARTADO, 17 — Porto